

GOMES, Luiz Fernando. *Hipertexto no cotidiano escolar*. São Paulo: Cortez, 2011. 120 p.

Hipertexto no cotidiano escolar: uma prática possível

Carla Viana Coscarelli
Universidade Federal de Minas Gerais
Belo Horizonte - Minas Gerais / Brasil

Escrito com linguagem simples e acessível, Luiz Fernando Gomes chama nossa atenção no livro *Hipertexto no cotidiano escolar* para o potencial do hipertexto e a necessidade de ser desenvolvido um trabalho com esse conceito e sua aplicação na escola. A proposta desse livro é “discutir as questões teóricas que envolvem a leitura e a produção de hipertexto e apresentar sugestões metodológicas que possam ser aplicadas em sala de aula do ensino fundamental e médio” (GOMES, 2011, p.15).

Primeiro volume da coleção “Trabalhando com... na escola”, cujo objetivo é fornecer materiais e sugestões metodológicas para educadores do ensino fundamental e médio de forma a contribuir para a prática pedagógica deles, foi uma boa escolha dos responsáveis pela publicação, uma vez que o hipertexto é uma realidade dos contextos digitais que precisa ser conhecida, reconhecida e trabalhada com seriedade na escola, pois, como pergunta George Lucas a Elisabeth Daley (2010),

Você não acha [...] que, na próxima década, vai ser preciso ensinar os alunos a ler e a escrever linguagem cinemática, a linguagem da tela, a linguagem do som e da imagem, assim como hoje se ensina a ler e a escrever textos? Caso contrário, não serão eles iletrados como eu e você teríamos sido se, ao sair da faculdade, não fôssemos capazes de ler e escrever um ensaio? (p. 9).

* ccoscarelli@letras.ufmg.br

Precisamos ajudar nossos alunos a ser bons leitores e produtores de hipertextos digitais e a ser capazes de lidar com a multimodalidade que esses textos possibilitam.

Com muita clareza e didática, o autor inicia o texto apresentando um breve histórico do hipertexto, mostrando como esse conceito surgiu, como ele foi implantado e quais foram suas transformações ao longo de sua ainda recente história. Nessa parte teórica, o autor faz uma discussão mais profunda sobre os *links* por considerá-los “elementos constitutivos do hipertexto” (GOMES, 2011, p. 25). Nos mostra que eles não são apenas elementos de conexão, mas participam da retórica do texto, podendo direcionar a construção de sentido; funcionam como dêiticos quando levam a outros documentos ou partes diferentes daquele mesmo documento; e operam como conectivos lógicos, podendo contribuir para a continuidade e a progressão referencial do texto. Além disso, o autor nos apresenta uma tipologia de *links*, baseada nas diferentes funções e formas que eles podem assumir.

Essa primeira parte do livro, que se dedica a abordar um pouco da teoria do hipertexto, termina com algumas considerações sobre as particularidades da escrita hipertextual, como a sua estrutura e os modos como os diversos textos podem ser interconectados, uma vez que essa escolha “influenciará na forma de busca e de recuperação de informações e afetará grandemente os percursos de leitura possíveis e a construção de sentidos” (GOMES, 2011, p. 45). Essa teoria, apresentada de forma leve, sem, no entanto, perder a consistência, serve de apoio para as atividades propostas na segunda parte do livro, na qual são sugeridas várias formas de lidar com o hipertexto em atividades que vão envolver os alunos em análises e produções de hipertextos feitos a partir de diversos gêneros textuais e com diferentes propósitos comunicativos.

A segunda parte do livro, apresenta várias possibilidades de trabalho com os hipertextos em sala de aula. As orientações se iniciam com explicações sobre como fazer hipertextos para quem não sabe fazer isso. A quem já sabe, Luiz Fernando sugere um salto hipertextual para a seção seguinte.

As propostas feitas procuram lidar com a multimodalidade, trabalham com textos verbais e não verbais e buscam levar os alunos a explorar a riqueza das informações que eles podem encontrar em *sites*, dicionários e tradutores eletrônicos disponíveis na Internet. Além disso, incentivam os alunos a criar jogos, mapas conceituais e fluxogramas.

Nessas atividades os alunos podem criar diferentes tipos de hipertextos e observar a forma de construção de cada um deles, bem como os propósitos

a que eles se destinam. Os alunos são também levados a refletir sobre os modos de ler e de construir sentidos a partir dos hipertextos, observando a quantidade e o posicionamento dos *links* na página, os aspectos gráficos usados para a indicação deles e as expectativas dos leitores em relação ao que vão encontrar quando clicam num link.

As atividades sugeridas não esgotam as possibilidades de trabalho com hipertextos, que são infinitas. Elas apresentam aspectos que devem ser abordados pelos professores e sugerem formas de fazer isso que podem ser desenvolvidas e aprofundadas pelos professores para atender aos seus objetivos, pois muitos aspectos gráficos, textuais, discursivos, entre outros, ainda podem ser explorados, em diferentes gêneros textuais e em diversos assuntos trabalhados no contexto escolar.

Hipertexto no cotidiano escolar é uma leitura que deve ser feita por todos os professores e futuros professores que estão preocupados em preparar seus alunos para uma vida que demanda deles o letramento digital cada vez mais sofisticado.

Referência

DALEY, Elizabeth. Expandindo o conceito de letramento. *Trabalhos em Linguística Aplicada*. Campinas, v. 49, n. 2, p. 481-491, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tla/v49n2/10.pdf>>. Acesso em: 9 nov. 2011.

Recebido em 24/11/2011. Aprovado em 9/12/2011.